

## **A memória na Floresta**

### **The memory in the Floresta**

Maria Cristina Villefort Teixeira  
Escola de Arquitetura – UFMG  
mcrisvt@gmail.com

#### **Resumo**

As cidades contemporâneas passam por transformações, demandadas essencialmente por questões funcionais e de ocupação. Os bairros pericentrais, por sua localização e influência das atividades do centro, estão mais vulneráveis a essas transformações. O Bairro Floresta, em Belo Horizonte/MG, um dos mais antigos da capital mineira, vem apresentando tais particularidades na descaracterização da paisagem original, significativa na história da cidade. Como berço de vários escritores e poetas, são registradas na Floresta passagens desses intelectuais no bairro. Pretende-se, com este trabalho, retratar as potencialidades de um bairro pericentral e registrar as mudanças ocorridas na paisagem local, por meio da literatura, com ênfase nos poemas e romances dos autores moradores. Esses registros literários possibilitam que a memória do bairro permaneça viva para aqueles que vivenciaram a Floresta e os que habitam ou habitarão o lugar na busca da preservação do seu patrimônio.

**Palavras-chave:** bairro Floresta; bairros pericentrais, memória, literatura

#### **Abstract**

Contemporary cities undergo transformations, which are essentially demanded by functional and occupational issues. The pericentral neighborhoods, by their location and influence of the downtown activities, are more vulnerable to these transformations. The Floresta neighborhood, in Belo Horizonte/Minas Gerais, one of the oldest in the city, has been presenting such peculiarities in the deconfiguration of the original landscape, significant for the city's history. As the cradle of several writers and poets, passages of these intellectuals are recorded in the Floresta. The aim of this work is to portray the potentialities of a pericentral neighborhood and to record the changes occurring in the local landscape, through literature, with emphasis on the poems and novels of the resident authors. The importance of these literary records makes it possible for the memory of the neighborhood to remain alive for those who lived in Floresta and those who inhabit or will inhabit the place, in understanding the process of evolution of this pericentral neighborhood and in the search for the preservation of its heritage.

**Keywords:** Floresta neighborhood, pericentral neighborhoods, memory, literature

## **Introdução**

Este trabalho parte da minha Dissertação de Mestrado, elaborada em 1996, orientada pelo Professor Oswaldo Bueno Amorim Filho e versa sobre a Floresta, bairro pericentral de Belo Horizonte/MG, que apresenta transformações na sua configuração no contexto da cidade contemporânea.

Os bairros pericentrais são aqueles que envolvem o centro urbano, determinados pelo uso inicial tipicamente residencial, e, geralmente, se estendem até a periferia. Borde, Barrère e Cassou-Mounat (1980) consideram que a proximidade dos pólos de atividade do núcleo central estabelece para esses setores a condição de bairros de passagem. Esses bairros se desenvolvem a partir das principais vias de acesso à cidade e concentram prioritariamente usos de comércio e de serviços ao longo do seu percurso, até atingirem os subúrbios. Esta nova circunstância retrata uma centralidade em que as escalas meso e micro se fundem e as modificações no ambiente construído geram uma paisagem em transformação. Esta nova paisagem vai sendo apropriada de maneiras diferenciadas pelos indivíduos, a maioria deles se adequando às transformações locais e recuperando a memória dos antigos lugares vivenciados ao longo da sua permanência ali.

O bairro Floresta é o setor mais próximo do hipercentro de Belo Horizonte, e, embora tenha sido o primeiro bairro pericentral protegido pelo Conselho de Patrimônio de Belo Horizonte, ele apresenta alterações significativas na sua configuração e na sua paisagem, principalmente depois das aprovações das leis de uso e ocupação do solo, a partir de 1976, que permitiram nova organização espacial e de usos para o local. Tais características vêm referendar as observações dos estudos daqueles geógrafos franceses sobre as características da evolução dos bairros pericentrais.

Para vislumbrar as novas circunstâncias dessa transformação no bairro, o olhar da literatura nos remete à lembrança dos tempos em que a Floresta ainda permanecia como paisagem pouco explorada frente ao processo de desenvolvimento e passou a retratar os caminhos construídos pela história do bairro e suas respectivas mudanças. Relatos de autores que viveram na Floresta vão apresentando as novas configurações do bairro e como elas se refletiram na vida deles e da cidade de Belo Horizonte.

## **A paisagem e a memória**

Pesquisadores mais ligados à orientação humanística têm procurado produzir, segundo Amorim Filho (1987, p. 12), estudos em que "... os valores e as percepções individuais e de pequenos grupos sejam levados em consideração na descrição e na procura da explicação da organização desses espaços e paisagens no futuro".

O conceito de paisagem torna-se essencial para o entendimento da relação entre sujeito e lugar, tendo como fundamento os sentimentos, as representações, o comportamento e, sobretudo, a vivência desses sujeitos no ambiente. Não somente a paisagem apreendida como resultado da dinâmica urbana no sentido da análise física do espaço, mas, e principalmente, aquela considerada por Macedo (1999) e Machado (1988) como o resultado da combinação de elementos físicos, biológicos e humanos interagindo entre si, "tornando-a um conjunto individualizado e indissociável em perpétua evolução." (MACHADO, 1988, p.16). Este conceito se amplia ainda mais quando lhe é atribuída dimensão temporal, pois a paisagem adquire uma valorização dinâmica no processo da percepção do espaço.

Por outro lado, a memória é a faculdade que permite conservar diversas informações e remete, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas que possibilita atualizar nossas referências e dados do passado, ao abranger diversos campos do conhecimento que vão da psicologia à filosofia, da neurologia à antropologia, evocando, de maneira "metafórica ou concreta, traços e problemas da memória histórica e da memória social." (LE GOFF, 2003, p.419). A memória concentra valores na paisagem; não se trata simplesmente de "um depósito de recordações, mas sim de um processo dinâmico em constante atualização", como considera Urtizberea. (2017, p.11).

Essa construção necessita, inicialmente, que se tenha "vontade de memória", como afirma Nora (1993). Se o princípio desta prioridade fosse abandonado, rapidamente esta definição se tornaria estreita, sem as mais ricas potencialidades. Já Halbwachs (2003) acredita que, para evocar o próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Os lugares de memória, por sua vez, se expressam na forma material, simbólica e funcional, simultaneamente, em graus diversos. Para Nora (1993, p.22), eles só "vivem de sua aptidão

para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações”.

As relações de vizinhança, notadamente as estabelecidas em pequenas cidades e quarteirões antigos, definem não somente a dinâmica espacial, mas também os pensamentos das pessoas, que vão se regulando pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam.” (HALBWACHS, 2003, p.163).

Em *O tempo vivo da memória* (2003), Ecléa Bosi afirma que o bairro é o lugar que nos proporciona o sentido de identidade. Assim, ela descreve de maneira humana e poética a fisionomia do bairro e sua importância na vida das pessoas, garantindo a elas o sentimento de pertencimento. A autora afirma que, ao escutarmos depoimentos, “nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, sua juventude, sua velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu” (Bosi, 2003, p. 73-74). De fato, na Floresta, os registros da vivência dos autores em diversas épocas permitiram que a alma do bairro se mantivesse viva na memória das pessoas, como valor do seu patrimônio, mesmo que o desenvolvimento do bairro se evidenciava a cada momento: casas são derrubadas, lotes vagos rapidamente ocupados, arranha-céus surgindo, cursos d’água cobertos, casas se tornando empresas... cada um desses lugares representava uma parte da vida dos moradores.

O bairro Floresta passou por transformações físicas e de uso embasadas na aplicação da legislação, que estabeleceu novas dinâmicas ao lugar: surgiram novos edifícios, novos usos, nova mobilidade e novos usuários. Permanece ali, ao longo do tempo, a população que tem a Floresta como sua vida, sua casa, seu lugar. Os registros de vivências de lugares que muitas vezes não mais existem são referência para futuras gerações, que certamente terão a oportunidade de recuperar a história do bairro e valorizar o seu patrimônio.

### **A memória na literatura da floresta**

A literatura permite mesclar a história pessoal com a história do lugar. Os relatos de moradores que vivenciaram o bairro Floresta em diversos momentos recuperam não só a sua história, mas essencialmente as próprias vidas. À literatura cabe o papel de trazer o significado e a importância desses lugares, que vão se mesclando com sentimentos e valores.

A literatura não se limita à descrição de um lugar ou de uma paisagem: ela é uma organização polifônica capaz de expressar adequadamente como pensamos e sentimos o mundo, conforme avalia Avellar (2007). Marandola e Oliveira (2009, p. 9) corroboram esta ideia, alegando que a literatura vai além da descrição da paisagem dos lugares, pois busca estabelecer entrelaçamento de saberes que se tecem. Tuan (1983), por sua vez, lembra que a arte literária é um dos recursos eficazes para os espaços parecerem altamente significantes para os indivíduos. Aí a construção da memória do lugar traz referências sob o ponto de vista dos indivíduos que ocuparam e ocupam os lugares da Floresta.

Este fato pode ser observado a partir da manifestação de poetas e escritores como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Fernando Sabino, dentre outros, que cantaram, em diferentes estilos, a Floresta e as transformações que ali ocorreram, ressaltando a sua condição de bairro Pericentral.

Andrade (1979) definiu num poema o Bairro Floresta como reduto da capital mineira, próximo do centro da cidade, em que ainda apresentava características de um lugar sossegado e até mesmo bucólico, na coexistência de acontecimentos da cidade que já manifestava movimento semelhante às principais do país:

Dormir na Floresta  
é dormir em paz  
de família mineira  
para todo o sempre  
garantida em bancos  
e gado de corte,  
seguro de vida  
na Equitativa,  
crédito aberto  
no Parc Royal,  
guarda-chuva-e-vento  
do PRM,  
indulgência plena  
do Vaticano.  
É ter a certeza,  
na manhã seguinte,  
de bom leite gordo  
manado das vacas  
da própria Floresta,  
de bom pão cheiroso  
cozido nos fornos  
da Floresta provida... (ANDRADE, 1979, p. 127).

As qualidades intrínsecas da Floresta davam especial significado ao cotidiano do bairro, e, mesmo ele mantendo características de um pacato setor da cidade, não deixava de ter relação com o centro da cidade, o que foi facilmente percebido por Reis:

o conforto de sua casa instalada numa Rua sossegada num bairro de gente apreciável, longe do burburinho fatigante do centro e ao mesmo tempo, perto. A gente vai a pé. E o nosso bairro tem de tudo, é independente. (REIS, 1993, p.26).

A conformação do bairro em terreno declivoso proporcionava vista de toda a cidade, que ainda possuía escala horizontal com a construção de prédios baixos, pois eram poucos os edifícios verticais à época. NAVA (1985) dizia que quando ele e seus companheiros exploravam a Floresta, desciam no fim da linha, exatamente na esquina das ruas Pouso Alegre e Januária, seguiam a pé até as ribanceiras da primeira e observavam a paisagem, sem qualquer obstáculo, que permitia apreciar num raio distante, bela vista da cidade:

Olhávamos à esquerda, a cidade tornada suntuosa e começando a luzir das purpurinas da tarde. Adivinhávamos longe a torre de Lourdes, mais embaixo a do Conselho Deliberativo, as duas de São José. Para a direita, a cúpula do Bonfim. (NAVA, 1985, p. 265).

A Floresta era banhada pelo Ribeirão Arrudas, onde, nas proximidades do centro da cidade, foi implantada a Praça da Estação, portal de acesso à capital mineira por um longo período e ligação do bairro com a cidade:

Estação da Central, Jardim da Praça da Estação... Imagens indissolúvelmente ligadas à do Ribeirão Arrudas. Lembro dele, de minhas andanças nas suas ribas. Quando suas águas passavam sobre o dorso Bahia-Januária, parecia um riacho da roça. Para os lados da estação ele parecia canalizado, suas margens ligadas por pontes de cimento. (NAVA, 1985, p. 259-260).

O Ribeirão Arrudas surgia, em vários momentos, nas descrições de Nava, como elemento fragmentador da Floresta com o centro da cidade: “Bahia e Januária são a mesma rua cortada pelo Arrudas e pelos trilhos da Oeste”. (NAVA, 1985, p. 165). A implantação da estrada de ferro, ao longo deste curso d’água, que permitia acesso aos subúrbios, gerou

modificação do leito do ribeirão, um dos primeiros sintomas da adaptação dos limites do bairro com o centro da cidade.

Nava, nas suas lembranças da juventude, sempre aponta a Praça da Estação como um ponto de referência da cidade: "Descendo de Floresta a pé ou de bonde era difícil não parar na Praça da Estação. Para mim, como esquecê-la?" (NAVA, 1985, p. 258). De fato, na praça já se manifestavam as primeiras intervenções nos meandros do ribeirão, com a criação de jardins, que davam ambiência humanizada à paisagem. A aproximação a este espaço público sinalizava o refúgio que garantia a chegada ao bairro, como traduz a descrição desse autor sobre os passeios noturnos do poeta Emílio Moura:

... chegar ao jardim da Estação - cortado pelo Arrudas que passava luzindo aqui e ali refletindo uma estrela um lampião a brasa acesa do cigarro do andarilho Emílio. (NAVA, 1985, p.162).

A Rua Sapucaí ainda hoje é considerada um mirante especial da cidade, tendo aos seus pés a Praça da Estação. Neste ponto, o ribeirão cruza a Santos Dumont, antiga Avenida do Comércio e suas características fragmentadoras são amenizadas pela horizontalidade da praça:

Gosto daquela Rua. Encosto-me naquela amurada e fico contemplando aquela praça da Estação, imensa, os jardins, os edifícios e me perguntando: "será que não há lugar aqui para mim? É uma cidade tão grande, tão limpa, tão fácil de amar! (REIS, 1993, p.121).

Ao longo deste ribeirão foi construído um dos principais eixos viários da capital mineira. Como a caixa era muito estreita e já não se mantinham os meandros originais ao longo do seu leito, eram frequentes as inundações no período chuvoso, conforme Antônio Reis comenta no seu premiado livro:

... o rio Arrudas está cheio como uma mulher prestes a parir. Belo de se ver, sem aquela água visguenta e mal cheirosa que transporta em tempo de seca. Não demora muito estará inundando toda a Praça da Estação, provocando desespero no povo. Principalmente nos comerciantes da redondeza. (REIS, 1993, p.49).

A transposição em nível elevado, para evitar acidentes dos trens suburbanos que circulavam ao longo do Ribeirão Arrudas, com os bondes, que cruzavam no sentido ortogonal, gerou a implantação do viaduto Santa Tereza para atender as questões funcionais de mobilidade. Esta articulação do bairro com o centro inicia outro tipo de configuração, de movimento, de induções de novos usos e de uma nova paisagem. A construção do viaduto foi motivo de espanto da população, fato comentado tanto por Andrade como por Nava:

É possível, sim, mudar o rumo da vida. Pois não se está mudando o rumo do viaduto, que foi construído em cimento armado e parecia a construção mais definitiva da cidade. A reta inflexível traçada pelos engenheiros vai morrer agora numa curva macia, entre a Avenida Tocantins e a Rua Sapucaí. Os homens que passam olham admirados. Há uma surpresa nos queixos caídos. Sim senhor, o viaduto! Com efeito! Mas a surpresa geral não invalida o fato positivo: deram outro jeito ao viaduto, para o bonde passar nele. (ANDRADE, 1984, p. 144).

... logo se batia de cara com a reta do viaduto Santa Tereza. Essa construção de cimento armado comporta um grande vão e sua estrutura é levantada por enormes arcos de concreto que têm largura de cerca de metro. Sua altura é vertiginosa. (NAVA, 1985, p.6).

O viaduto passou a ser apropriado pela população, especialmente os jovens da época que faziam ali as suas estripulias. No trajeto para sua casa, ao passar pelo viaduto, Nava “escolhia suas parábolas de sustentação e passava por cima dos ventos, vendo rolar embaixo os trens da Central” (NAVA, 1958, p.6). Até que um dia, foi autuado por um policial, alegando que não seria, sobre os arcos do viaduto, o caminho mais adequado a seguir. O escritor continua:

Das alturas veio a resposta anuente. Aceito a prisão, mas o senhor venha me prender cá em cima. O guarda topou o desafio, aliviou-se das botinas, da túnica e começou a subida. Ao fim duns poucos metros deu-se conta da elevação em que se achava e, tomado de vertigem e daquela doçura frouxa do períneo que nos vem na borda dos abismos, ajoelhou-se, pôs-se de gatinhas, atracou firme no semicírculo do cimento e deixou-se escorregar de marcha a ré. Embaixo recompôs-se e, para salvar a face, gritou para as negruras da noite que relaxava a prisão. O poeta tranquilo iniciou sua descida pela outra vertente. (NAVA, 1985, p.6).

Já na década de 1940, este viaduto tornou-se, mais uma vez, palco das peripécias nos passeios noturnos dos jovens notívagos Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Otto Lara Resende, inspirações de Eduardo, Mauro e Hugo, respectivamente, no livro Encontro Marcado. Os três companheiros, já conhecidos na cidade e não menos pelo delegado - por

eles apelidado de Barbusse -, tentaram imitar o antigo poeta. Hugo e Eduardo se anteciparam e lá em cima, segundo o autor, se encontravam, passavam um pelo outro e ameaçavam cair:

Naquela noite Mauro se animou a subir. Quando se viu largado no vazio, tendo sob os pés apenas meio metro de cimento e lá embaixo, muito embaixo, os trilhos da estrada de ferro a brilhar, um trem passando exatamente naquele instante, não resistiu à vertigem. Deitou-se de bruços, agarrou-se com força, dilacerando as unhas na superfície áspera, pôs-se a chorar: - 'Não desço mais. Pelo amor de Deus me tirem daqui. Chamem o corpo de bombeiros!' (SABINO, 1960, p.59-60).

Reis retrata com muita propriedade as atividades cotidianas no bairro, que ainda mantinham as características locais nos espaços intersticiais do bairro, que indicavam um comportamento pacato e familiar dos espaços públicos da Floresta:

... chegou aqui na Floresta se encontrou com a praça Negrão de Lima, seus ciprestes enormes, suas belas árvores, seus canteiros de flores, seus bancos, crianças correndo, senhoras respeitáveis ao sol da manhã, senhores discutindo política. (REIS, 1993, p. 52).

Aquela época, as conexões do bairro com a cidade estavam iniciando, o que apresentava dificuldades de articulação com os setores mais afastados do centro. Para Nava, os limites da Floresta se concentravam na área da sua vivência, que não ultrapassava as relações de vizinhança e da familiaridade com o lugar:

seguia, por exemplo, Pouso Alegre, caminho do oriente (...) Parava um instante, diante do portão de seu Licas, patriarca da família Negrão de Lima, que morava numa imensa chácara separada por sebe (...) Para lá desses limites, acabava a Floresta. Não sei se administrativamente, como circunscrição urbana. Mas acabava como caráter. Os logradouros assumiam outra fisionomia, na medida que Pouso Alegre seguia para os lados da Rua Itajubá, da Rua Curvelo e do desaguamento desta na caudalosa Avenida do Contorno. (NAVA, 1977, p. 107).

Mesmo assim, alguns bairros pericentrais ainda pareciam distantes, alguns deles, motivo de visitas que se transformavam numa aventura para quem ousasse passar dos limites da Floresta:

Aquilo já não era mais Floresta - parecia Quartel, Lagoinha, Calafate (...) Bem do bairro estão ainda os *hic sunt leones* da mata que ladeava o latifúndio do Sabino ou a da subida de Jacuí - caminho do Pipiripau (...) Deixava outra vez de ser Floresta e ia ficando Bonfim quando se tomava Pouso Alegre para o lado do poente. Esse termo de Rua era comido pelo mato e ia subindo para o sol que descia e dourava tudo daquele lado (...) Ousei aos poucos novas incursões: as descidas de Januária e de Jacuí até o leito da Estrada de Ferro Oeste de Minas (...) com aquela saída pelos trilhos caminhos de efoeste que te conduziram à esquina de Contorno e da casa viveiro de D. Luisinha Negrão (...) à esfinge de Anita Garibaldi e aos pontilhões sobre as águas de sangue que o Arrudas dos flancos de José Vieira, do Curral, da Mutuca, do Jatobá ... (NAVA, 1977, p.108-109).

Ao mesmo tempo, os mistérios da Floresta eram desvendados por NAVA, em suas memórias, à medida que descobria os lugares sagrados e misteriosos mais distantes do bairro:

Toda essa Floresta era dos meus itinerários de menino e depois o foi outra vez, dos de rapaz, quando ia visitar Carlos Drummond ou quando com ele, Emílio Moura e Martins de Almeida subimos os detrás do Colégio Santa Maria e fomos, dentro do mato grosso das Minas e sua noite preta adentro, descobrir o Brasil do Presépio do Pipiripau. Tinha pirilampos e capetas no caminho. (NAVA, 1985, p. 258).

No Plano de Belo Horizonte, a Zona Suburbana era limitada pela Avenida do Contorno, e, além dos seus limites, mantinham-se as chácaras, que posteriormente foram loteadas para abrigar a população que aumentava. Nava lembra a chácara onde morava seu tio:

Era um casarão sombrio e úmido, mal aparecendo no meio das árvores, com uma fonte na frente, feita com a mesma técnica que meu tio-avô usara para erguer as sepulturas do pai e do mano Luís. Um fio d'água ali cantava docemente e súbitos peixes relampejavam vermelhos, num limo gordo e verde. Todas as salas eram cheias de vasos atufalhados da folhagem carnuda das begônias (...). A de jantar era a única peça alegre e clara: dava para um pátio interno ajardinado, transbordando avencas e suas paredes eram cobertas de afrescos pintados pelo dono da casa. Só paisagens de Minas (...). A chácara era rica dos busca-pés rasteiros das abóboras e do fogo de artifício (turmalina, ametista, esmeralda) de latadas de chuchu, latadas de uva, latadas de morangas que cresciam pelo peso e iam a mais de metro de comprimento. (NAVA, 1977, p. 105).

O bonde era o meio de transporte utilizado para ligação do bairro com a cidade. No ponto final da parada, surgiam algumas lojas, que foram o prenúncio do centro comercial que ali se estabeleceu: "Vinha gente de longe participar, descia a Serra, subia de bonde Floresta. Sem-cerimônia, os rapazes do bairro fechavam a rua ao trânsito e a cara aos estranhos" (PAISAGEM FLORESTA, 1990, p. 34).

Andrade lembra o Colégio Santa Maria, referência de ensino que atendia as moças das famílias tradicionais de todas as partes da cidade, educadas por severas freiras dominicanas. O bonde que conduzia estas alunas despertava a atenção dos jovens de então:

Um tusta apenas e é a ridente Floresta seu Colégio Santa Maria, cheio de meninas (ainda não se usa a palavra garota) que vão num bonde mágico e nele retornam para o rápido cruzamento em que, do nosso bonde, sentimos passar a graça das sílfides e o esvoaçar das libélulas inalcançáveis. (ANDRADE, 1979, p. 134).

Andrade, ainda em 1931, sob pseudônimo de Barba Azul, no Minas Gerais - jornal editado pela Imprensa Oficial -, ressaltava as virtudes do colégio e das suas alunas, que despertavam interesse nos rapazes da cidade. A ausência delas na paisagem da Capital foi sentida quando, num retiro nesse estabelecimento:

... as quarenta, cinquenta criaturas que tornam habitável o planeta e, dentro do planeta, Belo Horizonte, desapareceram bruscamente da circulação (...). Os exercícios piedosos naquele edifício vagamente colonial da rua Pouso Alegre, que é o colégio tradicional da cidade, encheram quatro dias das meninas elegantes de Belo Horizonte (...). Nós ficamos tristes. Elas ficaram santas. (ANDRADE, 1984, p. 124).

A descaracterização e as futuras modificações que ocorreriam na Floresta como bairro pericentral, com características comuns à área central da cidade, já eram previstas por Drummond, que rebelou-se contra esta tendência, anunciando que jamais voltaria a este Triste Horizonte:

Não voltarei para ver  
o que não merece ser visto,  
o que merece ser esquecido,  
se revogado não pode ser[... ]  
Nossa Senhora das Dores,  
amizade da gente na Floresta,  
(vi crescer sua igreja à sombra do Padre Artur)  
abre caderneta de poupança,  
lojas de acessórios para carros,  
papeleria, aviário, pães-de-queijo.  
Terão endoidecido esses meus santos  
e a dolorida mãe de Deus? (ANDRADE, 1979, p. 116-117).

Para o poeta, as qualidades inerentes à Floresta estavam mudando e o bairro já se assemelhava aos demais pericentrais da redondeza, perdendo, assim, o seu valor especial:

... já não somos os  
privilegiados  
príncipes da paz.  
Já somos viventes  
intranquilos, pávidos;  
como os da Lagoinha  
ou de Carlos Prates,  
à mercê de furtos,  
de doenças, fomes  
letras protestadas,  
e pior do que isso,  
carregando o mundo  
e seus desconcertos  
em ombros curvados. (ANDRADE, 1979, p. 129).

Carlos Drummond de Andrade mostra que a tendência de mudanças se expressava também nas residências, especialmente na qual ele morou, na Rua Silva Jardim. As transformações se davam por meio dos materiais, dos revestimentos e dos costumes, que já apresentavam diferenças significativas em relação àqueles da época da inauguração da cidade:

A casa não é mais de guarda-mor ou coronel.  
Não é mais o Sobrado.  
E já não é azul. É uma casa entre outras.  
O diminutivo alpendre  
Onde oleoso pintor pintou o pescador  
Pescando peixes improváveis  
A casa tem degraus de mármore  
Mas lhe falta aquele som dos tabuões pisados de botas,  
Que repercute no Pará.  
Os tambores do clã.  
A casa é em outra cidade,  
Em diverso planeta onde somos o quê?  
Numerais moradores....  
Aqui ninguém bate palmas.  
Toca-se campainha.  
As mãos batiam palmas diferentes.  
A batida era alegre ou dramática  
Ou suplicante ou serena.  
A campainha emite um timbre sem história.

Silva Jardim, ou silvo em mim?" (ANDRADE, 1979, p. 1982).

Embora percebesse as transformações do bairro e suas consequências, Nava manteve em sua memória as características que foram valorizadas e vividas ali na sua juventude, em que o sentimento de pertencimento estava presente na vida dos seus moradores:

Da Floresta eu guardarei para sempre a lembrança de seus ares lavados, do cheiro das árvores e das flores e da terra que vinha da chácara do Júlio Pinto, da dos Negrão da D. Olinta dito, do Sabino Barroso, do Colégio Santa Maria, dos Negrão de seu Licas, do Gustavo Pena, do Raul Mendes. Cheiro das acácias, cheiro de goiaba (cheiro adocicado de goiaba), terebintina de manga. Manga-rosa, manga-espada, manga-sapatinho. Frescuras de regas e de chuvas estiadas nos fins das tardes de prata clara e pervinca, que ia virando no cobre e na púrpura do crepúsculo lendário e depois no azul ouro enluarado da noite cheia de cantigas e conversas. (NAVA, 1977, p. 109).

Previsões otimistas poderão trazer tendências que proporcionarão uma nova proposta de interferência no espaço da cidade, que poderão torná-la mais humana, se os bairros pericentrais puderem manter as mínimas características de lugares viáveis, mesclando diversidade e qualidade de vida:

Em Belo Horizonte, os bairros de tradição mantêm ainda sua identidade. Floresta, Lagoinha, Santa Tereza, Santa Efigênia, Prado, Cruzeiro, Serra, Funcionários, Barro Preto contemplam sua imagem cristalina refletida nos olhos de seus moradores. Qualquer intervenção deve ser no sentido da revitalização criadora e sensível desses universos em permanente expansão. É nessa reordenação que o espaço urbano poderá se humanizar. Com invento e arte. (SILVA D'AGUIAR, 1989, p. 223).

As manifestações dos autores apresentaram aspectos da Floresta ao longo do tempo, em que o sentimento de pertencimento se dava nas relações cotidianas do bairro. À medida que a cidade foi crescendo, este setor se ajustava às necessidades funcionais e de ocupação, retratando as características de um bairro pericentral. A percepção de que mudanças continuarão acontecendo na sua paisagem foi visível, chegando até a serem apresentadas reações pessimistas quanto ao futuro do bairro. Ao mesmo tempo, os relatos daqueles que viveram neste bairro pericentral contribuíram para a compreensão do processo de desenvolvimento da Floresta que, mesmo apresentando mudanças na sua paisagem, poderá manter na sua evolução a valorização do seu patrimônio.

### **Referências bibliográficas**

ANDRADE, C. D. de. *Esquecer para lembrar* (Boi tempo III), Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1979.

\_\_\_\_\_. Mudar o rumo da vida. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 35, 1984.

\_\_\_\_\_. Retiro espiritual. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, v. 35, p. 124, 1984.

AMORIM FILHO, O. B. O contexto teórico de desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos da Geografia. In: *Percepção ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano*. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 1987, p.9-20.

AVELLAR, J. C. *O chão da palavra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BORDE, J.; BARRÉRE, P.; CASSOU-MOUNAT, M. *Les villes françaises*. Paris: Masson, 1980.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACEDO, S. S. *Quadro do paisagismo no Brasil (1783-2000)*. São Paulo: Edusp, 1999.

MACHADO, L. M. C. P. *A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada*. 1988. Tese (Doutorado em Geografia) – IGCE/UNESP. Rio Claro, 1988.

MARANDOLA JR, E.; OLIVEIRA, L. de. *Geograficidade e espacialidade na literatura*. Geografia, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set./dez. 2009.

NAVA, P. *Balão cativo - memórias II*. 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1977.

----- *Beira-mar - memórias IV*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In: Projeto História*. São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

*PAISAGEM Floresta: versão preliminar*. Belo Horizonte: [s.n.]. 1990. (Concurso de monografias de história de bairros da região leste de Belo Horizonte - Grupo Pardal).

REIS, A. *Tema para solar um equívoco*. Belo Horizonte: Lettera Maciel, 1993.

SABINO, F. *Encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

SILVA, N.; D'AGUIAR, A. A. *Belo Horizonte, a cidade revelada*. Belo Horizonte: Fundação Emílio Odebrecht, 1989.

TEIXEIRA, M. C. V. *Evolução e percepção do ambiente em um bairro pericentral de Belo Horizonte: a Floresta*. 1996.157fl. Dissertação (Mestrado em Geografia: Organização Humana do Espaço) Universidade Federal de Minas Gerais – Instituto de Geociências. Belo Horizonte, 1996.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

URTIZBEREA, I. A. Recordar y olvidar: emprendedores y lugares de memoria. *In: URTIZBEREA, I. A. (Org.). Lugares de memoria traumática: representaciones museográficas de conflicto políticos y armados*. Bilbao: Servicio Editorial, 2017.